

O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística

Financial support in the sports trajectory of athletes of the brazilian selection of artistic gymnastics

Apoyo financiero en la trayectoria deportiva de atletas de la selección brasileña de gimnasia artística

Recebido: 06/10/2020 | Revisado: 09/10/2020 | Aceito: 13/10/2020 | Publicado: 15/10/2020

Pauline Iglesias Vargas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6756-4674>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: piglesiasvargas@gmail.com

André Mendes Capraro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3496-3131>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: andrecapraro@gmail.com

Resumo

A equipe de ginástica artística masculina do Brasil conquistou resultados expressivos em eventos internacionais nos últimos anos. Partindo do pressuposto que o financiamento é um dos principais pilares para o desenvolvimento esportivo de uma nação, o presente artigo buscou descrever, a partir do discurso dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas. Para tanto, foram entrevistados os cinco ginastas que representaram o Brasil nos campeonatos mundiais do ciclo olímpico para os Jogos de Tóquio. A análise de conteúdo revelou que o início da carreira foi permeado por dificuldades financeiras; o Programa Bolsa-A atleta e o Programa de Atletas de Alto Rendimento são as principais ações do governo federal que financiam o esporte; a Confederação Brasileira de Ginástica viabiliza os custos com viagens e salários aos principais atletas, a partir de algumas parcerias; alguns clubes ofertam salário aos atletas já prontos; a iniciativa privada investe de forma individual e pontual. Foi possível identificar que há uma sobreposição de ações para o financiamento do atleta de alto rendimento no país.

Palavras-chave: Apoio financeiro; Esportes; Entrevista.

Abstract

The male artistic gymnastics team in Brazil has achieved expressive results in international events in recent years. Based on the assumption that funding is one of the main pillars for a nation's sports development, this article sought to describe, from the athletes' discourse, the financial support received by Brazilian gymnasts during their sports trajectories. To this end, the five gymnasts who represented Brazil in the world championships of the Olympic cycle for the Tokyo Games were interviewed. The content analysis revealed that the beginning of the career was permeated by financial difficulties; the *Bolsa-Athleta* Program and the High-Performance Athletes Program are the main actions of the federal government that support sport; the Brazilian Gymnastics Confederation makes the costs of travel and salaries feasible to the main athletes, through some partnerships; some clubs offer salaries to ready athletes; the private sector invests individually and on time. It was possible to identify that there is an overlap of actions for the financing of the high-performance athlete in the country.

Keywords: Financial support; Sports; Interview.

Resumen

El equipo masculino de gimnasia artística en Brasil ha logrado resultados expresivos en eventos internacionales en los últimos años. Partiendo del supuesto de que el financiamiento es uno de los principales pilares para el desarrollo deportivo de una nación, este artículo buscó describir, a partir del discurso de los deportistas, el apoyo económico que reciben las gimnastas brasileñas durante sus trayectorias deportivas. Para ello, se entrevistó a las cinco gimnastas que representaron a Brasil en los campeonatos del mundo del ciclo olímpico para los Juegos de Tokio. El análisis de contenido reveló que el comienzo de la carrera estuvo impregnado de dificultades económicas; el Programa *Bolsa-Athleta* y el Programa de Atletas de Alto Rendimiento son las principales acciones del gobierno federal que financian el deporte; la Confederación Brasileña de Gimnasia hace factibles los costos de viaje y salarios de los principales atletas, a través de algunas asociaciones; algunos clubes ofrecen salarios a los atletas preparados; el sector privado invierte individualmente y a tiempo. Se pudo identificar que existe un traslape de acciones para el financiamiento del deportista de alto rendimiento en el país.

Palabras clave: Apoyo financiero; Deportes; Entrevista.

1. Introdução

Para que um atleta possa chegar ao alto nível da sua modalidade vários fatores são observados (Farrow, Baker, & Macmahon, 2013; Diehl *et al.*, 2014). Para Warmenhoven, Weissensteiner e MacMahon (2020) além do talento, faz-se necessária uma rede de suporte para desenvolver um atleta completo. Tal rede é um sistema complexo multidimensional composto por fatores de interação, dentre eles o financiamento. A permanência no esporte, especialmente, está atrelada ao suporte financeiro (De Bosscher *et al.*, 2009; Morley *et al.*, 2018).

Na ginástica artística masculina (GAM) brasileira não é diferente. O início na modalidade é considerado precoce, ou seja, os atletas assumem rotinas de treinos diários antes do início da adolescência (Nunomura, Carrara, & Carbinatto, 2009; Oliveira, 2010; Malina *et al.*, 2013). Morley *et al.* (2018) indicam que, nesses casos, o período de financiamento é maior em comparação com os esportes em que a especialização é considerada tardia. Por esse motivo, o financiamento torna-se um fator importante a ser analisado na trajetória esportiva dos ginastas olímpicos.

A equipe brasileira de ginástica artística masculina (GAM) vem conquistando notoriedade internacional, sobretudo a partir dos anos 2000 (Oliveira & Bortoleto, 2009), chegando ao ápice nos Jogos Olímpicos de Londres, quando o atleta Arthur Zanetti se consagrou campeão nas argolas. No entanto, pesquisas realizadas com equipes de base do referido esporte brasileiro indicavam, em 2009, a baixa quantidade de atletas praticantes (Nunomura *et al.*, 2009). Ainda assim, a seleção brasileira de GAM conseguiu, nos anos seguintes, alcançar visibilidade internacional¹.

Entende-se que o suporte financeiro é fundamental para a construção da carreira esportiva (De Bosscher *et al.*, 2015), sendo assim, o presente artigo tem por objetivo descrever, a partir do discurso dos atletas, o suporte financeiro recebido por ginastas brasileiros durante as suas trajetórias esportivas.

Sabe-se que diversos pesquisadores (Starepravo, Souza, & Marchi Jr., 2011; Teixeira, Matias, & Mascarenhas, 2013; Mezzadri *et al.*, 2015; Moraes e Silva *et al.*, 2015; Castro & Mezzadri, 2019) têm se debruçado em investigações que tratam das políticas públicas brasileiras para o esporte, numa perspectiva nacional. No entanto, a análise proposta neste estudo é focada nos aspectos individuais (Hallmann *et al.*, 2018), ou seja, nos diferentes

¹ Para saber mais consulte: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas?modalidades=1021>&

suportes financeiros recebidos por atletas da seleção brasileira de ginástica. Desta forma, acredita-se que os resultados deste estudo poderão servir para auxiliar nas discussões a respeito de apoio financeiro para o esporte de rendimento brasileiro, sobretudo, na GAM, no sentido de orientar e auxiliar efetivamente o esporte e seus parceiros de sistema, denominados de *stakeholders* (Wholey, 2015).

2. Metodologia

Para alcançar o objetivo da pesquisa recorreu-se a pesquisa qualitativa. De acordo com Pereira *et al.* (2018) nesse tipo de investigação os dados são coletados de forma direta em ambiente natural e são interpretados de forma indutiva. Nesse caso, optou-se por entrevistar² os cinco atletas de GAM que representaram o Brasil nos campeonatos mundiais do ciclo olímpico para Tóquio (entre os anos de 2017-2019), a saber: Arthur Mariano (bronze olímpico em 2016 e campeão mundial da barra fixa 2019); Arthur Zanetti (campeão olímpico 2012; vice-campeão olímpico em 2016; vice-campeão mundial em 2017); Caio Souza (campeão pan-americano individual geral em 2019); Francisco Barreto Jr. (quinto lugar olímpico na barra fixa em 2016; campeão pan-americano na barra fixa e no cavalo com alças em 2019) e Lucas Bitencourt (integrante da equipe brasileira nas principais competições do ciclo). Vale destacar que esses atletas conquistaram a vaga olímpica para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020³, ao finalizar o Campeonato Mundial de Ginástica de 2019, em décimo lugar por equipe.

A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada e seguiu-se a recomendação de Sparkes e Smith (2014). Os autores indicam a combinação da técnica de sequência de tópicos e o princípio de funil. Ou seja, as perguntas foram formuladas a partir de tópicos e os entrevistados ficam livres para narrar as suas experiências. À medida que a entrevista avança, as perguntas se concentram em questões mais específicas (princípio do funil).

As entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos. Os atletas olímpicos Zanetti, Mariano e Barreto foram ouvidos em julho de 2019, quando estavam em preparação aos Jogos Pan-Americanos de Lima (2019), no Centro de Treinamento Olímpico, no Rio de Janeiro. Já os ginastas, Caio Souza e Lucas Bitencourt, prestaram entrevista por meio

² A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH, mediante parecer consubstanciado número 1.469.110. Número de registro no CONEP: 51225615.5.0000.5540.

³ Apesar dos Jogos Olímpicos terem sido reagendados para o ano de 2021, o Comitê Olímpico Internacional optou por manter a nomenclatura do evento (COI, 2020).

eletrônico no mês de maio de 2020. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e autorizaram a divulgação de suas identidades.

Após a transcrição na íntegra das entrevistas, os documentos escritos foram avaliados por um grupo de pesquisa, o qual contribuiu com interpretações e análise do material coletado. Feito isso, utilizou-se da técnica de análise temática como método de investigação (Braun, Clarke, & Weate, 2016). As unidades temáticas que emergiram para esta pesquisa foram: início da carreira, Programa Bolsa-Atleta, Programa de Atletas de Alto Rendimento, Confederação Brasileira de Ginástica e Clubes e patrocínios individuais. Os resultados obtidos, por sua vez, foram apresentados em subtópicos a seguir.

3. Resultados e Discussão

3.1 O suporte financeiro no início da carreira esportiva

Não precisar contribuir com a renda familiar e, ainda, poder utilizar de alguns recursos financeiros da família, foi afirmado por Caio Souza (2020) como fundamental para a sua manutenção na ginástica. Ao ser questionado a respeito do suporte financeiro no início de sua trajetória esportiva, o campeão geral Pan-Americano recordou que diversos talentos esportivos (colegas de ginásio) deixaram a modalidade por necessitar trabalhar, para contribuir com a renda familiar. Tal fato corrobora com as afirmações de Ferreira e Moraes (2012), os quais identificaram que o suporte financeiro dos familiares, especialmente na primeira fase de desenvolvimento de atletas, é fundamental para o êxito esportivo.

Barretto Jr. (2019) lembrou a dificuldade financeira no início de sua formação esportiva. Os irmãos dele, que também eram esportistas, deixaram de praticar esportes para trabalhar e, assim, complementar a renda familiar. Ele, por sua vez, aos 13 anos de idade, mudou-se para uma república, dando continuidade aos treinamentos da GAM.

A pesquisa de Marley *et al.* (2018) indica que os custos para a manutenção na prática esportiva aumentam de maneira exponencial ao longo da formação do atleta. Na GAM, tais custos estão relacionados a participação em eventos internacionais, aquisição de equipamentos equivalentes aos usados em competições promovidas pela Federação Internacional de Ginástica e os valores destinados aos recursos humanos, tais como: técnico, fisioterapeuta, preparador físico, nutricionista, médico e psicólogo (Oliveira & Bortoleto, 2012).

A dificuldade financeira para adquirir materiais adequados para o treinamento, no início de sua carreira, foi lembrada por Zanetti (2019). Ele contou que o pai construiu materiais de GAM, para os seus treinamentos. Os aparelhos oficiais de qualidade internacional foram adquiridos apenas após a conquista olímpica do atleta. Já as despesas com a equipe multidisciplinar foram mencionadas por todos os ginastas entrevistados. Nesse sentido, Arthur Nory Mariano enfatizou a preocupação com a remuneração dos técnicos e afirmou: “[...] uma boa parte [dos técnicos] sempre faz alguma outra coisa extra para ter uma renda um pouquinho melhor!” (Mariano, 2019, p. 17). Por sua vez, Barretto Jr. (2019) rememorou a dificuldade financeira que tinha para participar das competições internacionais. Sendo assim, pode-se inferir que as narrativas dos ginastas olímpicos corroboram com os achados de Oliveira e Bortoleto (2012).

Estudo anterior, com jovens atletas olímpicos da Alemanha, investigou as barreiras no período de formação esportiva em diversos esportes, naquele país (Diehl *et al.*, 2014). A pesquisa revelou diversos fatores de *stress* para os atletas, dentre eles, os relacionados ao suporte financeiro foram sublinhados. Diehl *et al.* (2014) explicam que a falta de apoio aos jovens atletas alemães tem impacto na qualidade da estrutura do local de treinamento, no acesso a equipe multidisciplinar (nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta e médico) e no deslocamento do atleta para o local de treinamento.

Sobre o último tópico, só que no caso brasileiro, o ginasta Lucas Bitencourt (2020) lembrou que, para dar continuidade aos treinamentos da GAM, foi necessário mudar-se para a cidade de São Caetano (SP), assim como Francisco Barretto Jr. Lá, Bitencourt recebia uma pequena remuneração, o que ele chamou de “ajuda de custo”, advinda da prefeitura local. Após ser medalhista no cenário nacional, o atleta passou a fazer parte do Programa Bolsa-Atleta, Programa que, para ele, foi fundamental para a sua permanência no esporte.

3.2 O Programa Bolsa-Atleta

O Bolsa-Atleta é considerado o maior Programa de incentivo à atletas do Brasil (Brasil, 2004; Mezzadri *et al.*, 2015; Moraes e Silva *et al.*, 2015). Criado em 2004, com o objetivo de financiar diretamente atletas nacionais, de diferentes níveis, o Ministério da Cidadania⁴ do Governo Federal, por meio do Programa, investe cerca de R\$ 125 milhões por ano. A título de exemplo, de sua criação até o ano de 2019, foram investidos mais de R\$ 13

⁴ Atualmente (2020) a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento é uma das secretarias do Ministério da Cidadania (Ordonhes *et al.*, 2019).

milhões apenas em atletas da ginástica artística, sendo que, mais de R\$ 5 milhões na categoria Pódio (Inteligência Esportiva, 2020). Os valores da bolsa variam de R\$ 370,00 a R\$ 15.000,00 mensais, dependendo da categoria do atleta, ou seja, dos resultados esportivos em competições ne diferentes níveis (Moraes e Silva *et al.*, 2015).

Sobre o Programa, Arthur Zanetti (2019), afirma a sua importância, especialmente para aqueles em formação, pois nesse período são poucos os incentivos para os atletas. Caio Souza (2020, p.23) corrobora ao afirmar que: “[...] O Bolsa-Atleta é um programa crucial para a manutenção dos atletas no esporte [...]”. Na fala de todos os ginastas foi possível identificar que durante o processo de formação, antes de chegar na categoria adulta, os ginastas tiveram o Bolsa-Atleta como principal fonte de renda. De maneira símile, o estudo de Oliveira e Bortoleto (2012), reforçam a importância do Programa Bolsa-Atleta para o desenvolvimento dos atletas GAM brasileiros. Na ocasião, os autores (2012) entrevistaram atletas, técnicos, árbitros e representantes da Confederação Brasileira de Ginástica e identificaram que, apesar de não de necessitar ajustes no que tange aos critérios de participação, o Programa Bolsa-Atleta já vinha demonstrando ser uma importante política pública para os atletas de GAM.

Em pesquisa recente, Paz *et al.* (2018), ao observar as influências do Programa Bolsa-Atleta na trajetória esportiva de atletas da ginástica rítmica, afirmam que a participação no Programa proporcionou as atletas a compra de materiais esportivos de melhor qualidade, a ampliação da participação em competições internacionais e a possibilidade de dedicação exclusiva aos treinamentos.

Ao ser questionado sobre o Programa Federal, Barretto Jr. (2019) explicou que é necessário apresentar resultado em competições oficiais para concorrer ao Bolsa-Atleta e, quanto melhor o resultado, melhor o valor do incentivo (categoria de Bolsa). Para ele, o fato de terem categorias diferentes, não somente em valores do benefício, mas também em abrangência do resultado (Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpica e Pódio) estimula o atleta a querer mudar de nível. Zanetti (2019), da mesma forma, acredita que esse é o principal fator motivador ao atleta – a troca de categoria.

Nas palavras de Francisco Barretto Jr. (2019), o investimento não deve ser feito apenas no atleta, na visão dele, a estrutura física e a equipe multidisciplinar são fundamentais para a formação de um atleta de alto nível e, por isso, também deveriam receber apoio federal. Ele disse:

[...] principalmente em treinador! Tem muito treinador que está indo embora do Brasil, está indo embora do esporte, atletas que poderiam virar treinadores estão indo para

outras modalidades, outros ramos de trabalho. [...] quem faz os atletas? São os treinadores e aí a modalidade vai acabando. O problema é: não tem quem ensine as crianças [...] o treinador vai ficar o dia inteiro dentro do ginásio e não vai conseguir sustentar a casa dele, então eu acho que o investimento, além da estrutura, deve ser nos treinadores [...] (Francisco Barretto Jr, 2019, p. 16).

Nesse sentido, Zanetti cita o Centro de Treinamento de Ginástica de Fortaleza (CE). Segundo ele, o local apresenta uma estrutura física de alta qualidade, mas não há profissional que se disponha a sair do eixo Rio-São Paulo para formar novos atletas. Justamente devido à falta de incentivo financeiro para esses profissionais. Na fala dos entrevistados, fica latente a preocupação com os rendimentos financeiros dos técnicos, eles comentaram que muitos treinadores têm outra atividade para além da ginástica, tendo em vista a impossibilidade de “viver da ginástica”.

Por isso, eles sugerem que o Programa contemple a equipe multidisciplinar e não somente o atleta. Mariano (2019, p. 18) insistiu: “[...] eu acho que poderia existir um bolsa técnico [...] uma bolsa à parte.” Entre os atletas parece ser convencionado repassar um valor proporcional aos técnicos, mesmo que de maneira informal. Ainda assim, os ginastas enfatizam que a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) remunera alguns técnicos da seleção, segundo Mariano (2019, p. 19) “os principais”.

Ao entrevistarem quatro dos principais treinadores brasileiros de ginástica artística feminina, Carbinatto, Freitas e Chaves (2016) apontaram como um problema na modalidade no país, a falta de reconhecimento profissional, especificamente financeiro, e reforçaram que o Programa Bolsa-Atleta é voltado apenas aos atletas. Da mesma forma, os autores mencionaram a necessidade de um programa federal que incentive os técnicos esportivos, evitando a migração deles para outros países.

Lucas Bitencourt (2020) ao ser indagado a respeito das possíveis melhorias no Bolsa-Atleta lembrou que a maior categoria do Programa (Bolsa Atleta Pódio) considera apenas os resultados individuais. Porém, ele fez parte da equipe brasileira que conquistou a vaga por equipe nos Jogos Olímpicos e, ainda assim, não será contemplado por tal categoria. Portanto, na opinião dele, os resultados da equipe deveriam ser considerados, tendo em vista que são relevantes para o contexto esportivo brasileiro. Algo similar, foi citado pelo ginasta Caio Souza (2020), o qual mencionou que os critérios da distribuição de bolsa poderiam ser revistos, levando em consideração a idade do atleta e outros indicadores, para além dos resultados.

Tal questão foi mencionada no estudo de Paz *et al.* (2018). Na opinião dos autores (2018), o fato do Programa Bolsa-Atleta privilegiar atletas com resultados expressivos nacionalmente e internacionalmente (dependendo da categoria de bolsa) cria uma lacuna⁵ para os atletas em formação. Ainda assim, há um consenso entre os ginastas participantes dessa pesquisa em relação a importância do Programa Bolsa-Atleta. Dentre eles, apenas Lucas Bittencourt não foi contemplado pela categoria máxima do Programa (categoria Pódio). No entanto, ele enaltece o Programa e reforça que o incentivo, somado aos demais que ele recebe, são suficientes para a sua manutenção no esporte.

Reforça-se que os cinco ginastas da seleção brasileira de GAM (2018-2019), todos contemplados pelo Programa Bolsa-Atleta, indicaram o Programa como a fonte de renda confiável, nas palavras de Arthur Mariano (2019, p. 14): “[...] salva muito”. Portanto, como mencionado por De Bosscher *et al.* (2009), o sucesso de um atleta depende, em grande parte, do suporte financeiro estatal, no caso da GAM brasileira, o Programa Bolsa-Atleta é uma das principais políticas públicas de apoio ao atleta. Ainda assim, os ginastas entrevistados evidenciaram outros programas federais de apoio ao atleta, como o Programa de Atletas de Alto Rendimento, detalhado a seguir.

3.3 Programa de Atletas de Alto Rendimento

Tendo por objetivo “representar o Exército Brasileiro em competições nacionais e internacionais, motivar e transferir conhecimento, reforçar a imagem da Força no país e no exterior, e contribuir para o desenvolvimento do esporte nacional” (Brasil, 2017), o Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR), criado em 2008, possibilitou a contratação de atletas civis de alto nível pelas Forças Armadas nacionais. Costa (2020) explica que tal contratação se dá por meio de processo seletivo voluntário, a partir de editais específicos, para suprir a ausência de atletas da corporação.

De acordo com os resultados esportivos no âmbito nacional e internacional, o atleta selecionado recebe remuneração entre R\$ 1.500,00 e R\$ 4.500,00 mensais, além de outros incentivos, tais como: assistência médica, equipe multidisciplinar e estrutura física para treinamento. Em contrapartida, os atletas militares devem representar o país nos Jogos Mundiais Militares e nas principais competições da sua modalidade. Além disso, o programa

⁵ Entende-se como fundamental a discussão a respeito do investimento financeiro estatal em atletas prontos (Matias *et al.*, 2015; Castro & Mezzadri, 2019), no entanto, tal discussão se apresenta enquanto possibilidade futura de investigações.

exige que os atletas passem por duas semanas de ambientação militar, no qual eles recebem orientações específicas da corporação (Antonelli, 2020; Costa, 2020).

Mesmo que por meio da contratação temporária, os atletas brasileiros participantes do PAAR foram facilmente identificados, especialmente durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, por prestar continência e uso de símbolos que representam as forças armadas nacionais em uniformes e no corpo (Costa, 2020).

A título de exemplo, o ginasta Francisco Barreto Jr., ao receber o prêmio de melhor atleta dos Jogos Pan-Americanos de 2019, apresentou-se fardado na cerimônia (Brasil, 2019). De maneira símile, Arthur Nory Mariano recebeu o Prêmio Brasil Olímpico 2019 com o uniforme das Forças Aérea Brasileira (Comitê Olímpico do Brasil, 2019).

Os atletas da seleção brasileira de GAM entrevistados para essa pesquisa fazem parte das Forças Armadas nacionais, dentre eles, quatro⁶ participaram dos Jogos Mundiais Militares de 2019, e consagraram-se vice-campeões, ficando atrás apenas da equipe da China.

Para os ginastas, participar do PAAR vai além de representar o país nos Jogos Militares. Nas palavras do campeão mundial da barra fixa: “[...] ser militar é uma responsabilidade [...] precisei de uns dois anos após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro para me adaptar, entender, saber que é importante fazer os eventos [...]” (Mariano, 2019, p. 13) A participação no PAAR exigiu dos técnicos uma flexibilização, pois segundo os atletas, eles precisam participar de determinados eventos e, para isso, os técnicos precisam autorizar a quebra de rotina nos treinos.

É possível perceber que ser atleta militar para os ginastas brasileiros exigiu adaptações, não somente do ponto de vista de prestar continência e usar uniformes. Quando questionado a respeito da participação no PAAR, Barreto Jr. (2019, p. 12) respondeu suspirando: “[...] ser militar é coisa séria!”.

Assim como o Bolsa-Atleta, o PAAR foi citado por todos os atletas participantes da pesquisa como um dos principais incentivos financeiros para a manutenção no esporte de alto nível. Caio Souza fez questão de enfatizar a importância do programa, não apenas para ele, mas para a continuidade de outros ginastas na modalidade.

O PAAR é viabilizado financeiramente pelo Ministério da Defesa, a partir de previsões orçamentárias para o pagamento dos atletas militares. Sendo assim, sublinha-se a informação de que se trata de recursos Federais que subsidiam o Programa (Costa, 2020), ou

⁶ Arthur mariano não participou devido a lesão, para saber mais: <http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/brasil-so-e-superado-pela-china-e-fica-com-a-prata-por-equipes-na-ginastica-artistica-nos-jogos-mundiais-militares>

seja, é mais uma ação de incentivo ao esporte brasileiro. Com isso, tem-se uma sobreposição de ações advindas do governo, porém, orientadas por Ministérios diferentes.

Ao ser questionado a respeito da capacidade de se manter no esporte de alto nível, o ginasta Lucas Bitencourt citou as diferentes fontes de renda: “Hoje eu recebo da seleção brasileira de ginástica (CBG), do Minas Tênis Clube, tenho o Programa de Atletas de Alto Rendimento e o Bolsa-Atleta” (Bitencourt, 2020, p. 6). Sendo assim, o suporte financeiro para ginastas brasileiros, advindo da Confederação Brasileira de Ginástica e dos Clubes, será tratado a seguir.

3.4 A Confederação Brasileira de Ginástica e os clubes

A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) é a entidade brasileira responsável por fomentar, administrar e expandir a prática das diferentes modalidades ginástica no país (CBG, 2020). Patrocinada pela *Caixa Econômica Federal* (CEF), desde 2006, (Caixa Econômica Federal, s/d), a CBG é apontada pelos ginastas da seleção brasileira de GAM como mais um dos incentivadores do esporte nacional. Ao realizar uma busca eletrônica, foi possível identificar que todos os atletas das diferentes seleções de ginástica brasileira, quando participam de eventos oficiais, utilizam em seus uniformes o símbolo da instituição financeira.

A CBG divulga em seu site oficial o demonstrativo contábil da instituição (período de 2012 a 2019), em que é possível identificar as maiores fontes de arrecadação, assim como os maiores investimentos realizados no período. A seguir a Tabela 1 ilustra os valores recebidos pela instituição.

Tabela 1. Receitas da CBG entre os anos de 2012 e 2019 (valores em milhares de reais).

Fonte/Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
CEF	5.064	4.435	6.480	5.072	5.222	3.583	3.700	6.800
Lei Agnelo Piva	3.474	3.396	3.344	4.730	3.956	3.672	4.292	4.782
Rede Globo	1.371	1.446	1.531	1.641	1.759	zero	zero	zero
Sadia	1.000	937	zero	zero	zero	zero	zero	zero
Gymnaestrada	31	39	641	553	zero	4	1.127	979
Aluguéis	14	15	2	zero	zero	zero	5	zero
Banco do Brasil	5	53	zero	zero	zero	zero	zero	zero
Outras receitas	532	1.095	1.285	1.543	2.235	1.522	1.522	2.264
Trabalho voluntário	252	265	267	133	146	152	160	152
Min. dos Transportes	zero	zero	7.502	zero	zero	zero	zero	zero
Min. do Esporte - GR	zero	zero	183	803	1.560	zero	zero	zero
Plano Brasil Medalha	zero	zero	zero	715	3.500	zero	zero	zero

Fonte: os autores, adaptado de CBG (2020).

A análise dos documentos online evidenciou que a maior fonte de renda da instituição em todo o período advém da CEF, seguida da Lei Agnelo Piva⁷. Vale destacar que a Lei Agnelo Piva (Brasil, 2001) é considerada uma das principais fontes de renda das confederações de modalidades esportivas, inclusive da entidade máxima nacional, o Comitê Olímpico do Brasil (Almeida & Marchi Jr., 2012; Teixeira, Matias, & Mascarenhas, 2013; Matias *et al.*, 2015).

Ainda assim, a partir dos demonstrativos financeiros da entidade⁸ máxima da ginástica do Brasil e, a fala dos entrevistados, é possível afirmar que a CEF é a maior fonte de renda da Confederação Brasileira de Ginástica. Castro e Mezzadri (2019) explicam que a aproximação das entidades estatais com as entidades esportivas ajuda a consolidar a marca das instituições entre os espectadores, além disso, é um importante incremento para esporte olímpico nacional.

De acordo com os ginastas, o apoio da instituição financeira é fundamental para o desenvolvimento da ginástica no país. Caio Souza (2020) destacou o investimento do convênio não somente em atletas prontos, mas sim em infraestrutura, por meio dos *Centros de*

⁷ Para saber mais: Castro, S. B. E., & Mezzadri, F. M. (2019). Panorama das principais fontes de financiamento público para o esporte brasileiro. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, 10(1), 33-52.

⁸ A CBG é mantenedora das seguintes modalidades no Brasil: Ginástica Artística Masculina, Ginástica Artística Feminina, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica e Ginástica para Todos.

Excelência Caixa – Jovens Promessas da Ginástica. De acordo com a CBG (2018) o referido projeto, criado em 2008, objetiva democratizar a prática da ginástica oportunizando a participação e detectar talentos esportivos para a futuro da ginástica brasileira. Segundo a entidade, são 15 unidades distribuídas pelo país, que ofertam especialmente as modalidades de ginástica rítmica e ginástica artística, atingindo quase 2000 alunos.

Ainda sobre o apoio financeiro da CEF, Caio Souza (2020) lembrou que o convênio permitiu o intercâmbio para países mais desenvolvidos no esporte, possibilitando aprimoramento técnico de atletas e técnicos. Esse fato também foi frisado por outros atletas da seleção brasileira, segundo Barretto Jr. (2019) o intercambio fez com que os técnicos mudassem a metodologia do treinamento, revissem a periodização do treinamento e a necessidade de parar quando o atleta está fadigado.

De acordo com Lucas Bitencourt (2020), os ginastas que fazem parte da seleção recebem salário específico da CBG, por meio do incentivo da CEF. Tal apoio financeiro também foi afirmado como importante para a manutenção do atleta por Arthur Nory Mariano (2019).

O demonstrativo contábil da CBG indica as despesas da instituição, entre os anos de 2012 e 2019. Tais dados foram organizados na Tabela 2:

Tabela 2. Despesas da CBG entre os anos de 2012 e 2019 (valores em milhares de reais).

Despesas/Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Pessoal	447	425	888	381	87	179	197	344
Viagens	3.214	3.733	3.900	3.737	3.963	1.940	1.464	3.688
Administrativas	3.986	2.928	6.688	6.460	8.921	2.750	3.687	3.872
Depreciação	104	120	491	846	892	914	877	853

Fonte: os autores, adaptado de CBG (2020).

Infelizmente, não é possível identificar os investimentos da instituição por modalidade. No entanto, percebe-se que as despesas com pessoal não são as mais representativas da instituição. Ainda que faltem informações específicas do que se refere cada despesa, é possível verificar que a entidade investiu boa parte do capital em viagens, possivelmente para competições e treinamentos fora do país. Tal despesa foi mais significativa até o ano de 2016 e, voltou a crescer, no ano de 2019, acompanhando as receitas da instituição. Provavelmente tais receitas e, por conseguinte, despesas, sofreram influência

do ciclo olímpico. Conforme o campeão olímpico (2012) afirmou: “[...] depois que acabaram as olimpíadas (2016), acabaram quase todos os patrocínios [...]”. (Arthur Zanetti, 2019, p. 11).

A respeito do suporte financeiro advindo de Clubes, Caio Souza (2020) lembrou que a primeira vez que recebeu remuneração de um Clube, como atleta, foi na sua segunda passagem pelo Clube de Regatas do Flamengo. O convite para representar o clube carioca ocorreu após ser campeão brasileiro de ginástica.

Assim como o Clube de Regatas do Flamengo, o Esporte Clube Pinheiros e o Minas Tênis Clube foram citados pelos entrevistados por oferecerem remuneração aos atletas. Lucas Bitencourt treinou boa parte de sua formação esportiva (dez anos) com Marcos Goto, no SERC Santa Maria⁹ (São Paulo). Depois disso, ele foi para o Minas Tênis Clube recebendo remuneração para representar o Clube nas competições nacionais. Ainda assim, o ginasta revela que não foi esse o principal motivo para a mudança, mas sim a necessidade de mudar de ambiente.

Sabe-se que os clubes brasileiros citados pelos entrevistados recebem incentivo financeiro que advém do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC). Tal recurso é repassado aos clubes por meio de editais para a compra de materiais esportivos, remuneração de técnicos e participação em competições (Comitê Brasileiro de Clubes, s/d). O CBC, assim como o Comitê Olímpico do Brasil (COB), é uma das entidades que recebe recursos federais para o incentivo ao esporte no país. Tais recursos são originários das loterias federais, por meio da Lei Agnelo Piva (Carneiro, Athayde, & Mascarenhas, 2020).

Como é possível identificar, há uma sobreposição de ações, que utilizam o financiamento do Governo Federal para o esporte de alto rendimento brasileiro, neste estudo, especialmente, a GAM. Tal fato fica evidente na fala dos entrevistados quando listam os seus apoiadores. No entanto, os ginastas brasileiros comentaram a presença, em menor de escala, de patrocínios de empresas privadas, os quais serão comentados no tópico a seguir.

3.5 Os patrocínios privados

É consenso entre os ginastas entrevistados que o melhor período relacionado à investimentos no esporte brasileiro (até o momento das entrevistas), diz respeito ao período pré-olímpico dos Jogos do Rio de Janeiro (2016). Os atletas destacaram os patrocínios que receberam durante o período, especialmente nos anos de 2015 e 2016, mas que se findaram

⁹ Equipe do campeão olímpico Arthur Zanetti.

logo após aos Jogos. Algo previsto em contrato, porém tratado com muito pesar pelos atletas. O plano de saúde, com cobertura total, de um banco privado, foi lembrado por Francisco Barretto Jr. (2019). Para ele, a possibilidade de realizar exames, ter acesso aos médicos e a realização de intervenções cirúrgicas sem custos foi de grande valia para melhora de suas condições físicas.

Zanetti (2019) revelou que após ser campeão olímpico, em 2012, disseram-lhe que receberia diversos patrocínios, contudo, isso não ocorreu de forma imediata. Nas palavras dele:

[...] quando eu voltei para o Brasil [dos Jogos Olímpicos de Londres] eu vi que uma parte mudou, eu comecei a ser um pouco mais conhecido, mas essa parte de patrocínio, não. Ficou bem fraco, não tive nenhum patrocínio depois das Olimpíadas, que todo mundo falou que “vai chover patrocinador”, mentira. Fui começar a ter patrocinador em 2013 e aí quando você tem uma empresa forte acaba atraindo outras, depois disso as coisas andaram legal, comecei a ter alguns patrocinadores, mas a época que teve mais, foi no final de 2015, começo de 2016, visando as olimpíadas. Então, poxa 2016 eu estava...vou te falar que estava bem, estava tranquilo, estava com muito patrocinador, muitos apoiadores, plano de saúde, mas depois que acabou a olimpíada acabou tudo, praticamente. (Arthur Zanetti, 2019, p.12).

Já o estreante olímpico (2016), Arthur Nory Mariano, compartilhou uma visão diferente a respeito do assunto. Segundo ele, a participação olímpica (que rendeu a medalha de bronze) “mudou tudo” (Mariano, 2019, p. 12). O ginasta afirma que a visibilidade o auxiliou atraindo patrocinadores. Ele disse especificamente:

[...] depois que você compete nos Jogos Olímpicos, depois que você ganha uma medalha, você passa a ser uma referência no esporte, você passa a ser conhecido dentro do seu esporte, então tudo muda. [...] Isso que foi de diferente para mim. Antes eu não tinha patrocínio e depois passei a ter. (Arthur Mariano, 2019, p. 12-13).

Na fala dos entrevistados fica evidente que há uma preocupação com o futuro financeiro, ou seja, o pós-carreira. Zanetti (2019) deixa claro que o esporte olímpico é amador e, reforça que não é possível comparar a remuneração e o pós-carreira com os jogadores de futebol. Ainda assim, entende-se que o futebol, sobretudo no Brasil, é um caso isolado. Além disso, o financiamento do futebol brasileiro se dá especialmente pela iniciativa privada, diferente do que ocorre nos demais esporte (Sá & Starepravo, 2020).

Sobre isso, Barretto Jr. lembra que ex-atletas, depois que encerram a carreira esportiva, deixam de receber os incentivos financeiros do estado, em especial o Bolsa-Atleta.

Esse fato já foi motivo para o ex-ginasta brasileiro, Diego Hypolito, manifestar-se publicamente após não ter sido contemplado pelo Programa, o qual recebeu até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, questionando o incentivo aos atletas no país. Para ele, as políticas públicas para o esporte do Brasil deveriam considerar a fase de transição dos atletas (Vargas, Oliveira, & Capraro, 2019).

Por isso, Zanetti (2019) reforça que é necessário ter cautela, mesmo quando o ginasta recebe patrocínio de maior valor. Pois, segundo ele, são efêmeros, sujeitos aos resultados e a disponibilidade do patrocinador.

4. Considerações Finais

No que tange ao suporte financeiro de atletas da seleção brasileira de GAM, foi possível identificar que há uma sobreposição de ações para o financiamento do atleta de alto rendimento no país. Diz-se isso, tendo em vista que, dentre as unidades temáticas elencadas, a partir da escuta do ginastas, foi possível observar que a maior parte da fonte de renda dos atletas advém, de uma forma ou de outra, do Governo Federal (Caixa Econômica Federal, Confederação Brasileira de Ginástica, Bolsa-Atleta, Programa de Atleta de Alto Rendimento, Confederação Brasileira de Clubes).

Contudo, o início da carreira dos ginastas foi permeado por dificuldades financeiras, treinamento com aparelhos improvisados e escassez de recursos mínimos, inclusive fazendo com que alguns ginastas deixassem o esporte. Por esse motivo, o apoio financeiro familiar demonstrou-se essencial para a permanência dos atletas na modalidade, bem como o Programa Bolsa-Atleta e algumas iniciativas locais.

Embora tenha sido evidenciado a sobreposição de ações que financiam os ginastas da seleção brasileira, as narrativas dos ginastas brasileiros sublinham a importância do suporte financeiro para a continuidade de suas carreiras, sendo que os recursos são utilizados para custear despesas com viagens, equipe multidisciplinar e aquisição de materiais/aparelhos. Os ginastas demonstraram preocupação com a remuneração dos técnicos e com o período de transição de carreira.

É necessário lembrar que os ginastas foram entrevistados quando estavam recebendo apoio financeiro do Programa Bolsa-Atleta, da CEF e da CBG. Sendo assim, acredita-se que os discursos dos atletas podem ter sido influenciados pelo momento.

Pesquisas futuras, que privilegiam a escuta de atletas, os quais tenham encerrado a carreira, ou que estejam buscando o seu espaço entre os melhores do país são recomendadas, a fim de apresentar novos olhares a respeito do tema.

Referências

Almeida, B. S., & Marchi Júnior, W. (2012). A relação Governo Federal e Comitê Olímpico Brasileiro sob análise da lei 10.264/2001 (Agnelo-Piva) no Período de 2005 a 2008. *Pensar a Prática*, 15(3).

Antonelli, M. (2020). *Gestão no esporte: os sistemas esportivos e o alto rendimento na ótica de gestores dos cenários olímpico, paralímpico e militar*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

Brasil (2019). *Francisco Barretto é eleito melhor atleta dos Jogos Pan-Americanos de Lima*. Recuperado de <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/francisco-barreto-e-eleito-melhor-atleta-dos-jogos-pan-americanos-de-lima#:~:text=As%20tr%C3%AAs%20medalhas%20de%20ouro,edi%C3%A7%C3%A3o%20do%20Panam%20Sports%20Awards>.

Brasil (2017). Comissão de Desportos do Exército. *Histórico do programa atleta de alto rendimento*. Disponível em: <http://www.cde.eb.mil.br/hist-paar>. Acessado em: 06 ago. 2020.

Brasil (2011). Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm.

Brasil (2004). Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004. *Institui a Bolsa-Atleta*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm.

Braun, V., Clarke, V., & Weate, P. (2016). Using thematic analysis in sport and exercise research. *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise*, 191-205.

Caixa Econômica Federal (s/d). *Esporte olímpico*. Recuperado de <http://www.caixa.gov.br/esportes/esportes-olimpicos/Paginas/default.aspx>.

Carbinatto, M. V., Freitas, E. G., Chaves, A. D. (2016). Women's artistic gymnastics coaches in Brazil: From opportunity to olympic games. *Sports coaching review*, 5(2), 163-173.

Carneiro, F. H. S., Athayde, P. F.A., & Mascarenhas, F. (2020). O financiamento público do esporte brasileiro por loterias federais nos governos Lula e Dilma. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 10(2).

Comitê Olímpico do Brasil (2019). *Campeões mundiais e pan-americanos, Arthur Nory e Beatriz Ferreira vencem o Prêmio Brasil Olímpico 2019*. Recuperado de <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/campeoes-mundiais-e-panamericanos-arthur-nory-e-beatriz-ferreira-vencem-o-premio-brasil-olimpico-2019/>.

Comitê Olímpico Internacional (2020). *All information on the Olympic Games Tokyo 2020, to be held in 2021*. Recuperado de <https://www.olympic.org/all-information-about-the-olympic-games-tokyo-2020-and-covid-19>.

Confederação Brasileira de Ginástica (2018). *Centro de Excelência Caixa*. Recuperado de <https://www.cbginastica.com.br/noticia/1235/revelacoes-dos-centros-de-excelencia-caixa-jovem-promessa-fazem-apresentacao-durante-o-brasileiro>.

Confederação Brasileira de Ginástica (2020). *Missão*. Recuperado de <https://www.cbginastica.com.br/missao>.

De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M., Shibli, S., & Bingham, J. (2009). Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport management review*, 12(3), 113-136.

De Bosscher, V., Shibli, S., Westerbeek, H., & Van Bottenburg, M. (2015). *Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (SPLISS 2.0) in 15 nations*. Meyer & Meyer Sport.

Diehl, K., Thielmann, I., Thiel, A., Mayer, J., Zipfel, S., & Schneider, S. (2014). Possibilities to support elite adolescent athletes in improving performance: results from a qualitative content analysis. *Science & sports*, 29(6), 115-125.

Farrow, D., Baker, J., & MacMahon, C. (Eds.). (2013). *Developing sport expertise: Researchers and coaches put theory into practice*. Routledge.

Ferreira, R. M., & Moraes, L. C. D. (2012). Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. *Motricidade*, 8(2), 42-51.

Hallmann, K., Breuer, C., Ilgner, M., Giel, T., & Rossi, L. (2018). Determinants of elite athletes' extrinsic and intrinsic career success. *Sport, Business and Management*, 8(4), 375-392.

Inteligência Esportiva. (2020). *Projeto Inteligência Esportiva*. Recuperado de <http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site>

Malina, R. M., Baxter-Jones, A. D., Armstrong, N., Beunen, G. P., Caine, D., Daly, R. M., & Russell, K. (2013). Role of intensive training in the growth and maturation of artistic gymnasts. *Sports Medicine*, 43(9), 783-802.

Matias, W. B., Athayde, P. F., Húngaro, E. M., & Mascarenhas, F. (2015). A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 21(1), 95-110.

Mezzadri, F. M., Moraes e Silva, M., Figuêroa, K. M., & Starepravo, F. A. (2015). Sport policies in Brazil. *International Journal of Sport policy and politics*, 7(4), 655-666.

Moraes, M., Mezzadri, F. M., Santos, N., de Camargo, P. R., & Figuerôa, K. M. (2015). La configuración de la ordenación legal relacionada a la financiación del gobierno brasileño hacia el deporte de elite: un análisis a partir de la Teoría de los Juegos de Norbert Elias. *Lúdica Pedagógica*, (21).

Morley, D., McKenna, J., Gilbert, S., French, J., Till, K., Quarmby, T., & Turner, G. (2018). Can't pay, can't play? Talent lead's perspectives on the financial constraints experienced by athletes on the England Talent Pathway. *High Ability Studies*, 29(1), 51-64.

Nunomura, M., Carrara, P. D. S., & Carbinatto, M. V. (2009). Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, 503-514.

Oliveira, M. S., & Bortoleto, M. A. C. (2012). Public sports policy: the impact of the athlete scholarship program on brazilian men's artistic gymnastics. *Science of Gymnastics Journal*, 4(1).

Oliveira, M. S., & Bortoleto, M. A. C. (2009). A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, 297-309.

Ordonhes, M., Zaniol, G., Hercules, E., & Cavichioli, F. (2019). A inserção do esporte no ministério da cidadania: análise das opiniões sobre o “fim” do ministério do esporte. *Motrivivência*, 31(60), 01-16.

Paz, B., Costa, C. R., Lourenço, M. R. A., Starepravo, F. A., & Rinaldi, I. P. B. (2018). A influência do programa bolsa-atleta na trajetória profissional e pessoal de atletas de ginástica rítmica. *Motrivivência*, 30(54), 127-142.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf.

Sá, A. B. da S., & Starepravo, F. A. (2020). Copa do Mundo “Brasil 2014”: o uso político-ideológico do futebol em propagandas governamentais. *Research, Society and Development*, 9(7), e99973804. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3804>

Sparkes, A. C., & Smith, B. (2013). *Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product*. Routledge.

Starepravo, F. A., de Souza, J., & Junior, W. M. (2011). Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma proposta teórico-metodológica de análise. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 17(3), 233-251.

Teixeira, M. R., Matias, W. B., & Mascarenhas, F. (2013). O financiamento do esporte olímpico no Brasil: uma análise do ciclo de Londres (2009-2012). *Revista de Ciências Sociais (CI)*, (31), 86-110.

Vargas, P., Oliveira, M., & Capraro, A. (2019). *Seminário Internacional de Gestão e Políticas para o Esporte (SIGPE)*. Recuperado de <https://eventos.ufpr.br/SIGPE/SIGPE2019/paper/view/1507>.

Wholey, J. S. (2015). Exploratory Evaluation. In: Newcomer, K. E.; Hatry, H. P.; Wholey, J. S (4th Edition), *Handbook of Practical Program Evaluation*. Hoboken: John Wiley & Sons (p.88-107).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Pauline Iglesias Vargas – 50%

André Mendes Capraro – 50%